

Recontado por
Fernanda Nascimento e Juliana Dantas
Edição dupla

VANGUARD

mojo
BOOKS

Especial
Planeta Terra
2008
-
MOJO
Specials

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

vanguard
VANGUARD

recontado por
FERNANDA NASCIMENTO E JULIANA DANTAS

SPECIALS 13

MOJO
SPECIALS

vanguard

VANGUART

recontado por

FERNANDA NASCIMENTO E JULIANA DANTAS

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DIREÇÃO DE ARTE E PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**

PRIMEIRA EDIÇÃO

SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 2008



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Semáforo
2. Just to see your blue eyes see
3. Hey yo Silver
4. Cachaça
5. Miss Universe
6. Christmas crack
7. Los chicos de Ayer
8. Enquanto Isso na lanchonete
9. Antes que eu me esqueça
10. Cosmonauta
11. Beloved
12. Dream about your love
13. The last time I saw you
14. Para abrir os olhos

VANGUART
VANGUART

LANÇAMENTO: 2007
SELO: L & C EDITORA



VANGUART

por Fernanda Nascimento

Daniel, dezenove anos, nasceu em Cuiabá e fez sua vida por lá: estudou, odiou trabalhar na mercearia do pai, ouviu rock, montou uma banda – era fã de Bob Dylan –, pegou muitas garotas, correu demais quando dirigia, tomou vários porres, fez muitos amigos e muitas bobagens. Teve uma vida de um jovem normal, normal até o dia em que se apaixonou e enlouqueceu (redundância, já que ambos são a mesma coisa). Pegou uma mochila, poucas peças de roupa, saiu, e nunca mais voltou, desapareceu. Tudo o que restou dele são as poucas cartas escritas pra Camila, sua garota.

* * *

Cuiabá, 28 de junho de 1985.

Camila, quando você ler esta carta, provavelmente estarei longe, dentro de um carro, caminhão, andando perdido e sem direção em alguma estrada que me leve pra fora de Cuiabá. Eu nunca planejei ir embora antes, mas acho que esta terra se tornou muito pequena pra tudo o que tem acontecido e pra tudo o que eu sinto. Viver perto

de algo que desejo tanto e que não posso ter está me torturando e me deixando meio maluco. Sim, como você sempre gostava de dizer: “Daniel, você é doido!”. Você sabe que tem culpa nisso? Entrou no meu mundo e revirou tudo... Sim, pode se sentir culpada por minha insanidade. A CULPA É TODA SUA! Porque você é tão doce, linda e especial e por que foi me dar mole aquele dia, hein? Só posso dizer que sou grato por ter te conhecido, você me fez sentir o sangue correndo nas veias, o coração acelerado... Você trouxe paixão e loucura pra minha vida, e como diz aquele velho louco que a gente gosta tanto... “Some people never go crazy. What truly horrible lives they must lead”. A história da minha vida não é tão horrível e chata, graças a você.

Não estou indo embora pra te esquecer, porque sei que seria impossível, mas preciso dar um tempo e ficar longe até me renovar, ocupar minha cabeça com algo, ver coisas novas. Vou andar e tentar deixar pedaços de tudo que eu carrego nas costas e na mente pelo caminho, pra ver se me alívio de todos os meus pesados fardos. Perdão por ter que me despedir dessa maneira, mas é a única forma, não agüentaria ter que te dizer adeus pessoalmente, vendo minha imagem fraca e patética refletida nos seus olhos azuis. Eu não sei o que será de mim daqui pra frente, na verdade, eu não sei de mais nada desde quando te vi pela primeira vez, yeah girl... A senhorita

fudeu com a minha cabeça desde aquele nosso primeiro encontro, mas disse você já está cansada de saber. Bom, só me deseje boa sorte e te escreverei em alguns dias.

*Amor,
Daniel.*

* * *

Cochabamba, 17 de julho de 1985

Oi Camila, já faz alguns dias que deixei Cuiabá, sinto sua falta, sinto falta dos caras também. A vida na estrada está louca, cada dia me aparece um sujeito esquisito e, quando acho que não pode ficar tudo mais estranho, fica.

Estou em Cochabamba, Bolívia, pois é, estou no “exterior”, ainda não consigo falar muito bem a língua desse povo, mas a gente se entende. Gostaria de saber como você está, levo sua imagem e a memória dos momentos que passamos juntos, penso nisso todos os dias. Só viajo tranqüilo porque tenho certeza de que você está bem. O Renato deve estar cuidando muito bem de você, ele me pareceu um cara legal, o cara certo, e eu sabia que ficariam juntos quando encontrei vocês aquele dia na lanchonete, cara de sorte.

Agora tenho que trabalhar, diga ao povo que estou legal, prometo não demorar muito para escrever novamente.

*Muito amor,
Daniel.*

** * **

Cochabamba, 29 de julho de 1985.

Como você está Camila? Como ainda passarei um tempo aqui em Cochabamba (um tempo curto, por isso, escreva rápido!) estou te mandando o meu endereço no remetente do envelope pra que você possa me escrever contando as novidades daí. Preciso muito saber de você.

Aqui está tudo muito divertido, sempre tem muita bebida paga pelos velhos bebuns do boteco, estou trabalhando para pegar uns trocados e logo me mando daqui pra Colômbia (é, eu não sei o que farei na Colômbia, mas os caras daqui vão pra lá e decidi ir junto, acho que não tenho nada a perder...). Vou te contar como cheguei aqui...

Saí de Cuiabá e, na rodovia, pedi carona, e uns caras dirigindo uma picape com um cavalo velhinho na caçamba me levaram até Corumbá. Eles eram legais e me arrumaram comida, fiquei na fazenda

deles uns dias, eu ajudava no pasto e ficava cuidando do cavalo, até que me apeguei ao animal... Ele foi minha única companhia durante dias. Eu não podia ficar lá pra sempre, e os donos da fazenda tinham uma filha que me fazia lembrar você. Fui para a estrada novamente e em uma outra carona fui despejado aqui onde estou agora. Ah, na verdade nada importa muito, só sei que meus próximos dias serão bem longos porque não ficarei em paz enquanto não receber notícias suas. Escreva tudo o que puder, ok?

*Pensando em você SEMPRE,
Daniel.*

* * *

San Carlos, 03 de maio de 1986.

Sei que faz muito tempo desde a última vez que te escrevi, mas só agora pude responder sua carta. Suas notícias me deixaram um pouco, hm, “bagunçado”, mas estou tentando enfiar na minha cabeça que você está bem, casada, apaixonada e feliz e estou tentando me livrar do sentimento egoísta que diz que você deveria estar “casada, apaixonada e feliz” COMIGO. Eu não consigo conviver com o fato de que não ficaremos juntos de novo. Já faz quase um

ano e, ainda assim, penso em você todos os dias. Será que um dia isso vai passar? Tenho a impressão que vai durar para sempre...

Um dia depois que recebi sua carta, parti com os rapazes pra Colômbia, eu não estava me sentindo bem com as coisas que tinha acabado de ler e os rapazes tentavam me consolar me dando maconha e cachaça. Todos tinham motivos para ficar loucos e esquecer tudo, tenho que confessar que nesses raros momentos eu conseguia manter o pensamento longe de você, mas era sempre muito rápido e, quando você me voltava, me enchia de cachaça novamente. Quatro rapazes na estrada, com um carro roubado (fiquei sabendo desse “detalhe” horas depois de embarcar na viagem...), bêbados, nus no deserto, loucos, desejando morrer. Isso só poderia dar merda, fomos parados pela polícia várias vezes, algumas vezes eles levavam nossa pouca grana e deixavam a gente em paz, mas fomos presos também, passei uma semana na cadeia e, sem nada pra fazer, e sem as drogas pra encher a cabeça, eu pensei bastante em você e só queria sair dali, e me perder no mundo.

Na cadeia aconteceu uma coisa muito, muito estranha. Um dos meus amigos estava preso comigo e, sei lá o que deu nele, a gente tava bem chapado, ele me deu umas coisas esquisitas, ficamos bem malucos e ele, ele... Pediu pra me chupar! Foi a coisa mais esquisita que me aconteceu naquela cadeia, não vou te contar detalhes de

tudo, mas eu peguei o cara, deixei ele me chupar, fodi ele, sei lá, tudo muito rápido e doido, por curiosidade, pra saber como seria e, realmente, as mulheres são muito melhores.

Sáimos da cadeia e fomos pra Colômbia. Trabalhei em vários lugares, lavei pratos e vendi coca. Fiz de tudo um pouco e até guardei uma grana, mas “guardar grana” parou de fazer sentido pra mim também, grana pra quê? Eu não quero nada... Não quero comprar nada... E nessa época parei de trabalhar. Continuei com os caras, até chegarmos aqui em San Carlos, na Nicarágua. Eu decidi ficar aqui, cansei deles, e das viagens. OK, foi tudo incrível, alguns momentos foram bem divertidos e meio surreais, eu vi muita coisa, e passamos por vários países, Bolívia, Colômbia, Panamá. Nossa América tem lugares e pessoas maravilhosas, pena que poucos saibam disso.

Sinto sua falta. Levo comigo uma foto nossa. Comparado àquele tempo em que ficávamos juntos, meus olhos não são mais os mesmos, estão inundados, deve ser mágoa, excesso de lágrimas pedindo para serem choradas, sei lá, parece que envelheci dez anos, mas você está tão linda e olhar para os seus olhos azuis faz meu coração derreter. Estou te mandando a foto de volta.

Bom. Vou terminar minha última carta, estou sentado na calçada onde passo todos os meus dias, olhando o ponteiro do

relógio da igreja correndo devagar, o avião cortando o céu com um barulho irritante e ensurdecido e com o semáforo dizendo se as pessoas devem ou não atravessar a rua... e fico feliz em saber que, pela última vez, estou vendo tudo isso, amanhã vou a praia e terei meu último banho de mar.

*Nada é para sempre...
Daniel.*



VANGUART

por Juliana Dantas

E eu já sabia de cor o que você ia dizer. “Hoje não estou pra ninguém. N-I-N-G-U-É-M.”

Já sabia também que o “ninguém” era eu. Daria tudo que eu tinha para te entender por pelo menos um dia.

Foram duas semanas claustrofóbicas.

Eu inventava com o quê me ocupar e adiava minha existência, morta antes de nascer. Ficar em casa me botava doido. Sair, também. Não adiantava me mover nem ficar parado.

Minha mãe estava interessada em qualquer coisa que não fosse a casa, que não fosse a família, a nossa vida. Pronta para atender aos outros, fossem quem fossem, se distanciando de mim, temendo se envolver demais, jurando para si que eu não valia a pena.

Minha irmã tocava a surrealidade bem longe dali, esquecida.

Meu pai gritava “pare de sonhar”. Sonhar o quê, se todos quebravam as possibilidades de sonho? Se tudo caía por terra. Tinha vontade de gritar também, quem sabe assim nos entendêssemos enfim?

Seus pais, por outro lado, eram duas nuvens de fumaça que sumiam por entre suas personalidades, antiquados e aparentemente exaustos.

Era você contra o mundo. Eu com você, quando deixava ser desse jeito.

Sua angústia soube ir mais longe que a minha. Perdeu o trem, não encontrou espaço no ônibus, mas sairia correndo se não tivesse encontrado uma bicicleta na rua de cima, na qual montou para ir embora e não voltar nunca, nunca mais.

Era domingo e quinta-feira.

Por coincidência.

Sexta-feira

Não me peça para cronometrar o que agora já não vivo.

Entre garotas e motores eu não estava satisfeito. Bebi para cair e fazer coisas que me causariam arrependimento depois.

Você dançava como ninguém. Estranhamente, com algo de selvagem em seus movimentos, entre esforço e leveza, parecia que a sua alma iria desprender-se para poder chegar a passos cada vez mais ousados e perfeitos.

Já não era necessária a bebida, a sua visão me embriagava. Era tudo de que eu precisava, somente. E não podia crer no que acontecia. Delirava. Meu melhor delírio.

Ajeitava o cabelo, nunca para arrumá-lo. Era uma questão de liberdade, de conforto, da fuga do incômodo e da insistência daqueles fios malcriados. Se lhe caía bem era um bônus, algo que a natureza se preocupava em fazer

e para a qual você nem dava atenção.

Ainda hoje sonho contigo.

Terça-feira

Contava os dias ao contrário – e depois das quartas vinha sábado.

Perturbados porque a vida passava num estalo e o tempo todo só havia um segundo antes do fim do mundo, éramos histéricos.

Vidro espelhado, equilibrado na sua face. E seus olhos me lembravam algo que não tinha acontecido.

Seu olhar prateado, atormentado por tão pouca vida, me pedia socorro e silêncio, me prendia ao chão, segurava-se ao meu, que temia. Era um quarto vago, um espaço totalmente aberto, fluído gelado que ardia em fogo. Seu mistério. Era a noite que consumia nossos corpos e seus dedos presos na minha roupa impedindo que eu sumisse para dentro da sua perdição, de onde você me chamava.

Mergulho sem pausa, causa ou fim. O infinito, e – por que não? – o ainda mais além. Era uma passagem só de ida para uma viagem sem regresso.

Papel de presente pelo tapete, roupas que detestávamos e brinquedos que aguardávamos e raramente vinham como estávamos esperando. Acabávamos nos divertindo com os papéis rasgados, a cola, as fitas, e o barulho que eles produziam. Minha irmã e eu.

Depois de te conhecer diria que não tinha sido ela.

Você tinha essa maneira de me olhar, eu começava a me esvaziar e logo não estava mais ali, ia para longe, em anos sem você.

E comia chocolate como uma fissurada. Nem todo o chocolate do mundo me confortaria. Nem agora, nem nunca. Enquanto penso.

Com as fórmulas estruturais do TNT e da nitroglicerina expostas nos seus pulsos, marcava mais por sua ausência, presença persistente.

Uma criatura encantadora.

Não pude, em todo o tempo que nos conhecemos, fazer conclusões a seu respeito. Apenas agregava as impressões com o passar dos dias. Não usava “portanto”, apenas “e”, “e”, “e”, sem terminar, com começo e meio perturbados. Era uma história transitoriamente engraçada por não levar a lugar nenhum.

Segunda-feira

Rabiscamos umas letras que queriam ser palavras, desenhamos animais inexistentes, andamos pelo teto, tivemos diálogos sem sentido fingindo que sabíamos onde queríamos chegar, quando nem ao menos sabíamos o porquê de estar ali. Assim, tínhamos as cabeças tão unidas que pareciam querer misturar nossos pensamentos, sonhos e idéias tolas, nossa concepção das coisas, gostos e tédios.

Estávamos olhando para o teto muito intensamente, as lâmpadas

eram novas e potentes. Tentávamos não piscar, mas acabaríamos cegos. E fechar os olhos era nadar. Nos afogávamos em algo azul no qual dava para respirar. Voávamos em contato, vagávamos sem rumo, não havia direção, dávamos um no outro e em nós mesmos, em lugar nenhum. E, ainda assim, rasgávamos o ar com a fome ameaçadora que há muito já tínhamos. Confiávamos no futuro, estávamos crentes no amanhã e nos movimentos loucos que fazíamos e poderíamos transpor para a realidade. Saboreávamos a vitória antes do tempo, estávamos certos, prontos, são e completamente alucinados; esperando e indo em frente, não sabendo; tendo o mundo nas mãos, sorrindo e tocando o mesmo corpo que formávamos e que poderíamos jogar em qualquer parte sem medo de errar.

Naquele dia nós vimos a luz.

Quarta-feira

Júpiter. Vejo Júpiter.

Éramos dois especialistas em fazer drama.

Nos desfazíamos um pelo outro e não diríamos jamais três palavras que colocariam tudo em seu lugar. Fracos, covardes e idiotas, feitos do mesmo barro e jogados na mesma lama, ainda que mentíssemos que não, e nos enganássemos com outras pessoas, ou ríssemos das nossas vidas completamente incompletas.

Fingíamos para nós mesmos a verdade que queríamos.

Domingo e Quinta-feira

Subi na árvore quase despencada, me firmei e vi sua casa dali, abandonada, sem herança sua, órfã de pai e mãe, tal como éramos. E, se não entrássemos na linha, depois e tantas curvas e erros de percurso, seria assim pra sempre. Que bom seria. Não sei dizer e que pena que não volto a me debater por coisas mínimas em confronto com o universo inteiro. Hoje eu vivo e você não consegue estar comigo naquele mesmo dia antigo.

Chorava e chovia. Aqui dentro e lá fora, só havia água, uma oferecendo frio e outra pedindo ao menos um pouco de calor. Choro e chuva. Vontade de chover e chorar, até a desidratação completa das nuvens ou daquele corpo de mulher.

Eu só estava ali.

Alguém te chamava e eu não conseguia raciocinar, seguíamos o curso torrencial daquela tarde.

A janela se iluminou e tivemos o outro lado da tarde, acontecendo. Você dormiu sobre suas lágrimas, eu adormeci pensando em nada e mal notei que o havia feito. A chuva parou de cair ali para quedar em outro lugar. Com o despertar das nossas mentes, o nosso momento de maior lucidez até então foi espionando os movimentos incertos de uma borboleta que se abrigara num canto da sala.

Terça-feira

É agora ou nunca.

Quarta-feira

Caminhamos desde o amanhecer olhando para o alto, à procura do inesperado. Sem cansaço, nem desânimo, nem dor ou sentimento. Depois, o nascimento da felicidade instantânea, e de mãos dadas parecíamos irmãos, amigos, um casal de doidos varridos, qualquer coisa assim. Rindo antes das piadas e das palavras que cortam a voz e da garganta que enrosca nesse palavreado doído e exausto de precisar se reinventar ou repetir o que já estamos cansados de saber.

Não precisávamos de nada em especial, tínhamos ar o bastante para respirar e daí viver e nada mais. Aliás, por que não um pouco mais?

Seguimos como crianças, bobos, alegres com tudo, tristes com a vida de instantes vazios como a madrugada que começou conosco, andando, e que terminou quando o sol rasgou as nuvens lá em cima. Podemos voltar a fazer loucuras esquecendo aquele medo de errar.

Dia inventado por acaso.

Durmo a noite como se embalado, pela música sem recado,

A mais dolorosa da minha vida,

E a mais doce de ser cantada,

*A qual não ousou pronunciar palavra,
Que nunca foi sequer inventada,
Mas que não me deixa te esquecer.
Com ela te dedico uma melodia de silêncio e toada. Não para tocar,
pra ferver.*

*E você fazia mais um dia imaginário, estava tudo errado, e decidíamos
“vamos partir”,*

“Antes que chegue de novo o sábado”.

Vi a sua sombra uma, duas, dez vezes, e nunca era a mesma.

*Como saber o que passa por sua cabeça?
Grita bem alto, e cante algo que lhe pareça bom.*

*Declama poemas esquecidos, tão conhecidos seus,
Cubra o meu corpo com o seu calor enregelado
Me queime a carne como o brilho de mil sóis durante a noite
Que se estende no tapete da minha sala,
Estrela falhada de um universo que não funciona.*

“Come chocolates, pequena; Come chocolates! Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.” E a voracidade com que come destruiria qualquer outra forma de existência alternativa, mínima, a teus pés.

*Não vá tão depressa, mas não chegue assim tão tarde,
Com energia ou falta de capacidade,
O teu brilho nem percorre o espaço. Só pede um pedaço, nada escasso,
de mim.*

*Janela da tua alma, menina dos meus olhos,
Salpicada de relâmpagos e rodopiando em tempestades vermelhas
Espelhando a nossa história
Prateada como o vento
Que te diz o que não me dizer.*

*O mundo é grande e pequeno e falar “meu amor” não quer dizer que
haja realmente um sentimento.*

*Se move
Como quem baila
Queria você viver momentos antigos,*

*perdidos no tempo que passou despercebido e inconseqüente.
Sem que percebêssemos
Você já manchava o céu.*

Sábado

Da porta do seu quarto eu te via dentro, de tênis vestindo a sua velha calça jeans, com fones de ouvido e a certeza de escapar do real com o violão nas mãos e o chão coberto de jornais.

Fechar os olhos era me aprisionar na própria alma. Desde que foi embora, não esqueci seus gritos entrecortados de sorrisos e os seus suspiros como avisos que eu não identificava de pronto. Depois de muita análise e ambigüidade contida, era a bifurcação em meio à estrada que daria para onde eu inevitavelmente queria estar.

Eu lembrava dos seus namorados, duramente esfregados na minha cara por sua vontade de chamar minha atenção, esnoabar estando com eles e contar intimidades minhas para provocar o riso de ambos. E as garotas que eu tinha? Você só sabia fazer graça, não me deixava em paz, seguia-nos, tinha urgências de falar comigo, brigávamos, nos ofendíamos e fingia que tinha se mudado ou saído. Daí voltávamos, comigo sempre indo a sua casa e sabendo que você me evitava, e insistindo, subornando sua irmã e invadindo seu quarto, te encontrava em poses falsas, porque já me aguardava. Começávamos um diálogo anormal e “sem querer”

voltávamos a nós. Esquecia-se das outras, sentindo-se a única, no compasso que eu largava essas meninas para sair com você não podendo esperar nada além.

Mas, naquele dia, algo iria mudar.

Já não tínhamos a idéia de ficar juntos. O pra sempre já se tinha perdido, éramos a verdade até a última vértebra de um relacionamento sem futuro, sem passado, já que não demos o passo para que existisse de verdade alguma coisa – fosse o que fosse. Em seguida, o que seria? Viveríamos aquele círculo vicioso de ilusões desiludidas? Paramos antes que nos machucássemos mais.

Por isso não fui à sua casa aquele dia, meio que sabendo que não te veria mais.

A última das vezes que poderíamos ter sido foi naquele banco congelante, e você tendo epifanias, descobrindo o tudo e o nada, esperando que eu dissesse o que não mais poderá ser dito – pelo menos não da maneira que você gostaria. Eu temi te perder e te ter. E fiquei ouvindo, vendo, esperando a vida acontecer na minha ausência.

Essa tortura não pode ser maior. Carga de culpa pelo resto da vida de algo que nem chegou a acontecer no plano real. E mesmo assim, pouco intenso, sem liberdade suficiente.

Vi a mancha vermelha nos seus olhos, o começo da sua infinita tristeza com relação a mim, e ainda deixei estar. Limpou as lágrimas antes que

estas viessem e prosseguiu o caminho de volta comigo. Nos despedimos como se fôssemos estar ali, de frente pro outro por toda a eternidade. Não foi bem assim.

Esperamos que a porta da sua casa fechasse para compreender o que acontecia. Eu morri, um vazio me engoliu, e senti a sua sombra colada na porta prestes a virar escuridão total. Avancei para seguir até em casa, me enganando que nada mudaria, nunca. Queria voltar correndo, mas minhas pernas não freavam. Continuavam sem eu ordenar e então corri para longe de todos, de tudo que me rodeava. Fiquei horas assim, até quando a manhã já fazia alarde, e caí em sono profundo, acordando mais tarde completamente confuso, com o sol que se punha sem você.

O céu era púrpura, tinha nuvens entrelaçadas. As manchas prateadas dos seus olhos, abriam para um azul mesclado de amarelo e verde. Era todo você, em toda parte, querendo permanecer onde já não se encontrava. A ansiedade tinha me deixado. À noite, recoberto de uma pequena certeza, calculava o que faria depois. Lembrava o começo, via o fim e me perguntava sobre o meio, se não poderia ter prosseguimento. Pensava muito, pulava de idéia em idéia e voltava a sonhar. Deitava, virava, revirava e o céu me espiava escuro enquanto eu brilhava como você havia feito. Eu fervia por dentro, por fora, inteiro.

Júpiter, de novo no meio, novamente entranhado no espaço.

Como você em mim.

O dia transcorrendo, me dizendo o que eu tinha a perder. Tinha tanto a fazer que já me agitava preparado para o que desse e viesse a qualquer momento. Logo veio a consciência.

Olhei o relógio. Mais alguns segundos e seria meia-noite. Segundos ausentes do que poderia ter acontecido, e não se fez –mas que eu não esqueceria. Refletiria anos a fio, inventando a nossa história quinhentas e mais tantas vezes.

Só por curiosidade.



mojo
SPECIALS

www.mojobooks.com.br